

É um compromisso para erradicar a ideologia da dominação que permeia a cultura ocidental em vários planos – sexo, raça e classe, para indicar apenas alguns – e um compromisso para reorganizar a sociedade norte-americana de maneira que a realização do eu possa prevalecer sobre o imperialismo e a expansão económica e os desejos materiais. (pp. 304-305)

A publicação desta obra em Portugal, em 2018, é uma consequência direta do crescimento do Movimento Negro Português e do discurso antirracista no país, mas só cumpre o seu verdadeiro desígnio se nos levar a indagar como as palavras de bell hooks ressoam na nossa realidade. Em que medida o racismo em Portugal tem as mesmas origens e a mesma construção do racismo nos EUA? Qual o papel das Mulheres Negras na sociedade portuguesa? Como têm sido representadas e/ou apagadas? Qual o envolvimento das Mulheres Negras no feminismo em Portugal? Qual a consciência antirracista e anticlassista do movimento feminista português, ao longo do tempo?

Em Portugal, como nos EUA, não faz sentido perguntar às Mulheres Negras se são feministas ou antirracistas, mas sim, a todas as feministas, se o podem ser sem serem antirracistas. Infelizmente, também por cá, lutar ao lado das mulheres brancas pode implicar endossar o seu racismo, mas permanecer numa luta que é antirracista (apenas) ajuda a legitimar a ordem social patriarcal, uma vez que a palavra “negros” se refere a homens negros e a palavra “mulheres” a mulheres brancas. A existência das Mulheres Negras tem sido invisibilizada no papel e na fala.

### Referências bibliográficas

hooks, bell. 2018. *Não Serei Eu Mulher? As Mulheres Negras e o Feminismo*. Tradução de Nuno Quintas. Lisboa: Orfeu Negro, 2018.

**Todos, presentes! Em *Rapariga, Mulher, Outra*, de Bernardine Evaristo. Tradução de Miguel Romeira. Amadora: Elsinore, 2020, 480 pp.**

 Sheila Khan

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho,  
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro  
sheilakhan31@gmail.com

Quando em 2000 Zadie Smith, até então uma jovem escritora desconhecida, publica *White Teeth*, as vozes da crítica literária foram unânimes em considerar este romance uma excelente estreia no que dizia respeito à reflexão sobre a pós-colónia-

lidade britânica. Com rigor, apoiando-me na minha memória enquanto leitora e aluna de doutoramento recentemente chegada ao Reino Unido, senti que o lugar do pensamento em torno do pós-colonial tinha largado com coragem os livros, os ensaios, tinha lançado a nossa atenção para o quotidiano, as experiências de vida com que se depararam milhares de imigrantes vindos/as quer das antigas colónias britânicas, quer de outros lugares que o desmoronamento dos impérios provocou, por um lado, e estimulou, por outro, convidando-os a embarcar num imaginário de plena integração, inclusão e de uma cidadania que, teoricamente, celebrava o respeito pela diversidade cultural (Meneses 2021; Ribeiro e Rodrigues 2022). Perceber a complexidade e as dificuldades inerentes a estes processos de construção de novas vidas foi, sem sombra de dúvida, um enorme desafio que as literaturas ditas pós-coloniais conseguiram alcançar, desmontando e desconstruindo a ilusão de uma versão de uma interação fácil e amistosa entre os europeus e os chamados sujeitos pós-coloniais. A literatura tem em si um dever de memória a partir do qual conseguimos compreender o quanto as políticas de multiculturalidade e de fraternidade entre povos falhou redondamente perante a sobrevivência de antigas lógicas de colonialidade ocidentais ainda remanescentes nas várias estruturais sociais, culturais e económicas na Europa (Khan, Can e Machado 2021; El-Enany 2020).

Em 1990, Hanif Kureishi, com *The Buddha of Suburbia*,<sup>8</sup> romance irreverente, sarcástico, ousado e acutilante, lança o olhar sobre os problemas de estigmatização racial, cultural e homofóbica no espaço da multiculturalidade britânica. Teríamos de esperar vinte e nove anos para que, em 2019, Bernardine Evaristo fosse a primeira autora anglo-nigeriana a conquistar um dos mais importantes prémios literários, o Man Booker Prize, com o seu *Girl, Woman, Other*. Traduzido para a língua portuguesa e publicado em 2020 pela Elsinore, este livro é o grito aberto que Hanif Kureishi procurou anunciar no seu *Buda dos Subúrbios*.

O romance de Evaristo é um manual histórico, sociológico e profundamente humano das escolhas, dos dramas, dos desafios e das expectativas de quem não se limita, apenas, a pensar o sexo, a sexualidade, as opções de género como lugares-comuns que caem numa espécie de um estar na moda. Entrelaçando as vidas de várias mulheres, diferentes na sua origem social, geográfica, cultural e histórica, *Rapariga, Mulher, Outra* expõe de uma forma inteligente, sensível e inteira a relevância dos percursos de vida e de identidade e como estes se cruzam sob diferentes formas com outros modos de ser e de estar no mundo. Com minúcia e de uma forma airosa, o amor entre mulheres e entre homens é literariamente refletido de uma forma natural, como uma experiência humana tão nobre e completa como é o amor e as relações entre os outros da gramática heterossexual. Apoiada numa escrita feita de uma perspicácia humorística e criativa, as personagens maioritaria-

<sup>8</sup> A tradução portuguesa (de José Vieira de Lima) foi publicada em 2015 com o título *O Buda dos Subúrbios* (Lisboa: Relógio D'Água).

mente femininas transpiram, no plano das suas vivências, paixões, fugas, conquistas, derrotas, amouros, viagens, processos de integração, de exclusão, de marginalização social e familiar, toda uma arqueologia de um saber dedicado ao legado do pensamento não apenas pós-colonial. Esta é a viragem do paradigma que este livro sinaliza: o que somos e o que sentimos quando já não basta falarmos de pós-colonialidade?

A destreza de Bernardine Evaristo vai a par de um conhecimento clarividente sobre o modo como as gerações e as histórias dentro do corpo de uma outra História (Ribeiro 2021) se interpelam, escrevendo nas suas relações perguntas, incentivando respostas que não são apenas de índole política e retórica. Bem pelo contrário, é através de um diálogo ativo de cidadania, de memória, de responsabilidade ética, cívica e histórica entre gerações, que essas histórias completam e desafiam a hegemonia:

então o que diz a bell hooks?, ripostou ela, a fazer um rápido scroll pela bibliografia aconselhada para a cadeira de Questões de Género, Raça e Classe Social ou Kwame Anthony Appiah, Judith Butler, Aimé Césaire, Angela Davis, Simone de Beauvoir, Frantz Fanon, Julia Kristeva, Audre Lorde, Edward Said, Gayatri Spivak, Gloria Steinem, V.Y. Mudimbe e Cornel West, já para não falar nos outros todos?

o pai ficou calado

por aquela não esperava ele, que o discípulo superasse o mestre [...]

o que eu quero dizer é isto: como raio podes ser professor de Vida Moderna quando todos os teus referenciais são masculinos – e brancos, diga-se de passagem (aqui, refreou-se e não chegou a acrescentar muito embora tu não sejas). (pp. 56-57)

Podemos chamar a esta obra um romance da reparação histórica? Sem forçar o debate em torno desta questão, importa dizer que Bernardine Evaristo transfere a sua contribuição para espaços em branco, aqueles lugares onde o silêncio, a solidão e a cegueira histórica predominam, demonstrando, sem qualquer laivo analítico, a importância da interseccionalidade para um mapeamento mais amplo, detalhado e completo para, hoje, percebermos os processos de memória, de consciência histórica, da partilha de memórias entre gerações, da elevação da dignidade humana, da urgência de um redimensionamento da nossa percepção e representação do Outro dentro de tantos outros também existentes em cada um de nós. Sem desativar a importância dos mecanismos de racialização, de ostracização sob vários moldes, *Rapariga*, *Mulher*, *Outra* dá um passo em frente, trazendo para o seu património vozes, narrativas, energias novas, com a serenidade e a sapiência de alguém que sabe ver para além do presente e sentir o pulsar de que “é uma lástima que, no Reino Unido, as pessoas de cor continuem a ser definidas precisamente pela sua cor, outros predicados não se firmaram” (p. 431).

## Referências bibliográficas

- El-Enany, Nadine. 2020. *Bordering Britain. Law, race and empire*. Manchester: Manchester University Press.
- Evaristo, Bernardine. 2020. *Rapariga, Mulher, Outra*. Tradução de Miguel Romeira. Amadora: Elsinore.
- Khan, Sheila, Nazir Can, e Helena Machado. 2021. *Racism and Racial Surveillance. Modernity Matters*. London: Routledge.
- Kureishi, Hanif. 1990. *The Buddha of Suburbia*. London: Faber and Faber.
- Meneses, Paula. 2021. "Desafios à descolonização epistêmica: práticas, contextos e lutas para além das fraturas abissais." *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCa* 10(3): 1067-1097. DOI: <https://doi.org/10.31560/2316-1329.v10n3.10>
- Ribeiro, António Sousa (Org.). 2021. *A cena da pós-memória. O presente do passado na Europa pós-colonial*. Porto: Afrontamento.
- Ribeiro, Margarida Calafate, e Fátima da Cruz Rodrigues. 2022. *Des-Cobrir a Europa. Filhos de Impérios e pós-memórias europeias*. Porto: Afrontamento.
- Smith, Zadie. 2000. *White Teeth*. London: Hamish Hamilton.